

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

O SILÊNCIO NO CIBERDISCURSO: ETHOS E O SUJEITO-AVATAR

Luís Fernando da Silva, Rosemeri Passos Baltazar Machado

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14383>

Submetido em: 2025-12-02

Postado em: 2025-12-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

O SILÊNCIO NO CIBERDISCURSO: *ETHOS* E O SUJEITO-AVATAR
SILENCE IN CYBERDISCOURSE: *ETHOS* AND THE AVATAR-SUBJECT

Luís Fernando da Silva (UEL)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4836-4028>

E-MAIL: louisfernand@hotmail.com

Dra. Rosemeri Passos Baltazar Machado (UEL)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3000-9941>

E-MAIL: rosemeri@uel.br

RESUMO

Em tempos de pós-verdade, experienciamos uma profunda incongruência entre a supremacia das *big techs* e a persistência da exclusão social e digital conforme predominam, segundo Santos (2011), forças hegemônicas oriundas do (neo)liberalismo (Guilbert, 2020). A crescente automação, impulsionada pela inteligência artificial (IA), consoante Harari (2018), ameaça dizimar empregos e acentuar a disparidade social, concentrando poder e recursos em uma elite reduzida. Nessa conjuntura, à luz da Análise de Discurso materialista pecheutiana, buscamos explicitar e analisar os processos de efeitos de sentidos emergentes em materialidades do ciberdiscurso e discurso cibernético para compreender o funcionamento cibercultural. Nesse sentido, discutimos a individua(liza)ção do sujeito-avatar e de que forma são projetados diversos tipos de *ethos*, de acordo com Maingueneau (2025), levando em consideração o trabalho articulado das formas do silêncio propostos por Orlandi (2007). Neste estudo de caráter qualitativo, bibliográfico e analítico, exploramos três sequências discursivas: a) um *reel* sobre vigilância e controle algorítmico a partir da experiência de Marilena Chauí com uma assistente virtual, b) um *post* do *CEO* da *Microsoft* Satya Nadella sobre inovação e poder tecnológico e c) um trecho das políticas de privacidade constituinte do discurso institucional da *Meta* em seu *site* oficial. Por se tratar de uma temática um tanto recente com impactos sociais relevantes, esperamos contribuir com reflexões que abordem a relação entre tecnologia digital, sociedade, linguagem e ideologia.

ABSTRACT

In post-truth times, we experience a deep incongruence between the supremacy of big techs and the persistence of social and digital exclusion, according to Santos (2011), as hegemonic forces coming from (neo)liberalism hold sway (Guilbert, 2020). Increasing automation, driven by artificial intelligence (AI), in agreement with Harari (2018), threatens to obliterate jobs and exacerbate social disparity, concentrating power and resources in a small elite. In this context, in light of pecheutian materialist discourse analysis, we seek to clarify and analyze the processes of emerging meanings in the materialities of cyberdiscourse and cybernetic discourse to understand cibercultural functioning. In this sense, we discuss the individua(liza)tion of the avatar-subject and how various types of *ethos* are projected, conforming to Maingueneau (2025), taking into account the articulating work of the forms of the silence proposed by Orlandi (2007). In this qualitative, bibliographical and analytical study, we explore three discursive sequences: a) a reel about surveillance and algorithmic control based on Marilena Chauí's experience with a virtual assistant, b) a post by Microsoft CEO Satya Nadella about innovation and technological power and c) an excerpt from the privacy policies constituting Meta's institutional discourse on its official website. Because this is a relatively recent matter with significant social impacts, we hope to contribute to

reflections that address the relationship among digital technology, society, language and ideology.

PALAVRAS-CHAVE

Análise de Discurso; Ciberdiscurso; Silêncio; *Ethos*; Sujeito-avator.

KEY-WORDS

Discourse Analysis; Cyberdiscourse; Silence; *Ethos*; Avatar-subject.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Nosso estudo trata de um grande problema social: a tecnologia está muito avançada, mas, ao mesmo tempo, muitas pessoas ainda vivem em condições precárias e são excluídas. A partir de textos que circulam na *internet*, queremos entender por que essa desigualdade ainda acontece. Sabemos que a inteligência artificial (IA) pode fazer muitos cidadãos perder seus empregos, aumentando a concentração do poder e dinheiro nas mãos de poucos. Analisamos o discurso em três amostras: um vídeo de crítica à IA, uma postagem do diretor de uma gigante de tecnologia e um trecho das regras de uso de uma grande rede social. Buscamos mostrar como somos transformados e caracterizados em usuários digitais, influenciados ideologicamente pelas formas com que nos comunicamos ou somos proibidos de nos expressar.

RELEVÂNCIA, CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E PRETENSÕES

Diversos marcos transformaram a trajetória humana, especialmente, no que tange à (r)evolução tecnológica. A história recente, contudo, demonstra que essa progressão inventiva atingiu, no século XXI, uma aceleração ímpar. Após um longo período, o foco deslocou-se decisivamente para a primazia da informação e da automação cognitiva. Baseados em Zuboff (2020), podemos dizer, então, que a transição do analógico para o digital impôs uma nova lógica de poder, centrada no processamento de dados: a dataficação de sujeitos. É nessa dinâmica disruptiva que se insere a tecnologia¹ que hoje domina o debate global: a inteligência artificial (IA).

A implacável história da sociedade tem apontado para incongruências dos mais variados tipos, e, na era da pós-verdade, paulatina ou abruptamente, elas permanecem uma constante. Enquanto as *big techs* ou gigantes da tecnologia vêm demonstrando supremacia ainda há pessoas que passam fome, vivem sem condições dignas de saneamento básico, moradia, emprego ou acesso à educação, sendo excluídas tanto socialmente quanto digitalmente. Não basta ser nativo digital. Como alerta Harari (2018),

¹ Com o lançamento e a ascensão, conforme Silva (2019), das tecnologias de informação e comunicação móvel sem fio (TICMS) e, segundo Van Dijck (2013), das mídias/redes sociais, a mudança nos modos de produção, circulação e o consumo de informação intensificaram-se, especialmente, com o advento do *streaming*, entendido como o processamento e transferência de dados contínuos entre servidor e cliente ao vivo e sob demanda.

percebemos que a crescente automação, impulsionada pelos algoritmos, pode desalojar pessoas de seus empregos, e, conseqüentemente, o poder e os recursos financeiros serão ainda mais monopolizados pela reduzida elite que possui esses sistemas poderosos, gerando uma disparidade social inédita.

Atualmente, experienciamos a integração de dados massivos, a automação inteligente e a personalização algorítmica, processos os quais culminam na emergência de espaços híbridos como o metaverso e a realidade aumentada. Cada um desses ambientes é interconectado virtualmente, viabilizando novas formas de interação, trabalho e sociabilidade. Diante desse cenário, a Análise de Discurso de matriz francesa (AD) constitui um campo teórico essencial para a compreensão dos sentidos e seus efeitos que emergem das práticas discursivas digitais. Por se tratar de uma temática um tanto recente, a relação entre linguagem, tecnologia e poder demanda debates e reflexões.

É nesse horizonte que se insere o presente estudo, cujo objetivo principal é explicitar e analisar alguns dos processos de efeitos de sentidos emergentes em três materialidades discursivas cibernéticas e, por conseguinte, sejamos capazes de compreender o funcionamento da sociedade. Buscamos, especificamente: a) discutir sobre as condições de constituição e circulação dos discursos, refletindo sobre os processos de individua(liza)ção do sujeito-avatar no jogo ideológico para o funcionamento do capital(ismo); b) entender, conforme Maingueneau (2025), os *ethé* imbricados em nossas amostras, estabelecendo a distinção entre *ethos* “enquadrante” e “enquadrado”, bem como suas saliências; c) compreender, ancorados em Orlandi (2007), o trabalho articulado das formas do silêncio na/para a movimentação dos sentidos outros e, especialmente, para o surgimento do *ethos*.

Procuramos explicitar e compreender como os sentidos são produzidos, deslocam-se, apagam-se e são historicizados; por isso, metodologicamente, apoiamo-nos em orientações sugeridas por Orlandi (2003, 2007, 2021, 2022), bem como por Pêcheux (1997), ao propor estas etapas: iniciar tecendo observações relevantes sobre a superfície linguística, a qual nos permita estabelecer o objeto discursivo e, portanto, possibilite-nos, na exterioridade, explorar as metáforas, ou seja, as transferências de sentidos. Assim, no que se refere ao papel do analista de discurso, segundo Orlandi (2001, p. 14), cabe pensar “na construção de um dispositivo teórico que leve o sujeito à compreensão do discurso, ou seja, à elaboração de sua relação com os sentidos, desnaturalizando-os e desautomatizando-os na relação com a língua, consigo mesmo e com a história”. Nessa perspectiva, esta pesquisa possui um caráter qualitativo, bibliográfico e analítico, pois,

consoante Minayo (2008) e Gerhardt e Souza (2009), essa abordagem interpretativa, própria das Ciências Humanas, condiz com os procedimentos da análise de discursos, os quais, apoiados na leitura/compreensão dos aspectos histórico e social, dão conta de analisar as produções discursivas de/por uma sociedade.

Os *corpora* são constituídos por três materialidades que mostram diferentes modos de funcionamento da linguagem – atrelados às ideologias, à história, aos sujeitos e aos seus papéis sociais. Pensando nisso, optamos por analisar gêneros discursivos distintos. Após um levantamento inicial, que incluiu *lives*, *podcasts*, *reels*, *posts* e *sites* relacionados à IA, resolvemos direcionar nossa atenção àqueles pautados pela ciência. Dessa forma, como primeira amostra, optamos por um vídeo que é o recorte de um discurso da filósofa brasileira Marilena de Souza Chauí sobre vigilância e controle em sua interação com uma assistente virtual. Considerando também a necessidade de apreciar o ponto de vista específico desse mercado tecnológico, dos ciberdiscursos pesquisados, para o segundo recorte analítico, escolhemos uma postagem de Satya Nadella, *CEO* da *Microsoft*, representando o discurso empresarial de inovação e poder tecnológico. Por fim, para analisar o discurso institucional sobre as políticas de privacidade e uso de dados propostos pelas próprias *big techs*, para constituir nosso terceiro objeto de estudo, trouxemos um trecho do *site* da *Meta*², empresa que constitui um conglomerado. Em conjunto, essas sequências discursivas (SDs) permitem-nos cumprir com nossos objetivos. Ressaltamos que, em certos momentos, precisamos repetir trechos de determinadas SDs, a fim de mostrar que estão atreladas a sentidos outros.

1 CIBERDISCURSO E CIBERCULTURA: O SUJEITO-AVATAR NA ERA DA PÓS-VERDADE

O que se iniciou como ficção científica, em uma tentativa de mesclar o humano com uma máquina, ou seja, um ciborgue, de certa forma, transformou-se em realidade devido aos dispositivos eletrônicos implantados nas pessoas e ao uso de próteses biônicas. Tal noção favoreceu a ideia de um ciberespaço³. No campo acadêmico, conforme Lévy

² Grupo empresarial que inclui, por exemplo, *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*.

³ A popularização desse termo, provavelmente, ocorreu com o romance *Neuromancer* (1984), de autoria do estadunidense William Ford Gibson. Na obra, o escritor descreve-o a fim de sugerir um ambiente imaterial surreal para o compartilhamento de informações, identidades e ilusões coletivas. Por sua vez, a expressão “cibernético” deriva da ciência preconizada pelo estadunidense Norbert Wiener (1948). A cibernética dedica-se ao estudo dos sistemas de controle e comunicação em máquinas e seres vivos.

(1999, p. 92), o conceito assume a qualidade de “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias informáticas”.

Embora estes vocábulos “ciberespaço”, “ambiente virtual” e “ambiente digital” sejam frequentemente utilizados como sinônimos, há diferenças conceituais sutis. O ciberespaço é referido por Lévy (1999) como sendo simbólico e interativo através das (inter)conexões digitais e pelos fluxos de informação. Santaella (2003) considera o ambiente virtual os locais de simulação e imersão, como jogos, realidades aumentadas e plataformas tridimensionais. Dessa forma, o ambiente digital é uma noção mais ampla, que inclui qualquer meio mediado por dispositivos digitais – desde uma rede social até um site institucional. Assim, todo ambiente virtual é digital, mas nem todo ambiente digital constitui um ciberespaço, uma vez que este implica interação, compartilhamento e produção individual ou coletiva de discursos.

Surge, então, a necessidade de especificar os discursos que nele circulam a fim de marcar as novas formas de enunciação, por vezes híbridas, em que o meio tecnológico faz com que haja a circulação de gêneros discursivos concernentes ao ciberdiscurso e discurso cibernético. O primeiro é entendido como o conjunto de práticas discursivas que se materializam nas redes e plataformas digitais e, de acordo com Braga (2019), caracteriza-se pela interatividade, hipertextualidade e multimodalidade. O segundo tipo que – em tese, seria neutro – remete à racionalidade técnico-informacional e estrutura as condições de existência desse mesmo meio. Se o ciberdiscurso é produto da cibercultura e, portanto, das interações humanas mediadas pela tecnologia, o discurso cibernético é a expressão da racionalidade técnica que sustenta a própria infraestrutura dessas interações. Para exemplificar, podemos dizer que comentários e *memes* nas redes sociais – enfim *posts* dos mais diversos, bem como debates em fóruns *online* e textos de influenciadores digitais – são ciberdiscursos. Todavia, mensagens automáticas de assistentes virtuais, recomendações instantâneas de plataformas e textos gerados por IA configuram-se como discursos cibernéticos, cuja materialidade, ocorre por meio do que Orlandi (2018) denomina de memória metálica, ou seja, uma memória técnica das máquinas, sem historicidade, que acumula dados de forma saturada, mas, em princípio, não produz significação.

O mundo contemporâneo, para Guilbert (2020), possui um arraigamento do (neo)liberalismo nas mídia/redes digitais e, de acordo com Santos (2011), é influenciado por globalizações e caracterizado por estarmos imersos em uma diversidade cultural inclusive virtualmente. Por isso, é importante refletirmos sobre conceitos como

multiculturalismo e interculturalidade crítica; mas antes vamos entender, rapidamente, o que é cultura. Segundo Candau (2017), entendemos que cultura é o compartilhamento de significações que possibilita o autorreconhecimento e o reconhecimento de outros sujeitos enquanto pertencentes ao mesmo “mundo”, mas, ao mesmo tempo, não deixam de ter/ser narrativas em disputa. Não há, por exemplo, uma única cultura dita brasileira; ela é vasta e complexa. Além disso, não existe cultura melhor ou pior e, portanto, não devemos considerar um etnocentrismo.

Nas palavras de Santos (2011, p. 50), “a globalização é o resultado inelutável da revolução nas tecnologias da informação”. Para ele, as ações globais do capitalismo estão intimamente ligadas a duas forças multifacetadas, as quais perpassam a tecnologia: a hegemônica e a contra-hegemônica. Em relação à contra-hegemônica, podemos pensar em decolonialidade, consoante Walsh *et al.* (2018), bem como em globalização cultural, considerando que as identidades culturais atualmente são mais difusas, conforme destaca Candau (2017): a globalização e as tecnologias digitais intensificam o contato intercultural, exigindo o reconhecimento das diferenças e o exercício da convivência na diversidade. De modo convergente, Walsh *et al.* (2018) propõem a perspectiva da interculturalidade crítica, que implica resistir às lógicas coloniais (de pensamento/linguagem) e promover diálogos horizontais entre saberes distintos. Assim, a cibercultura, ao reunir múltiplas vozes e narrativas, pode tanto reproduzir desigualdades quanto servir de espaço de contestação e decolonialidade, dependendo das condições de produção (CPs), das formações discursivas (FDs) e da formação ideológica (FI).

Ao discutir as formas de sociabilização na cibercultura, Lévy (1999) destaca que o ciberespaço (re)configura a experiência do sujeito ao instaurar novas formas de presença (ou ausência) e pertencimento, isto é, há uma pluralização das posições de sujeito, notamos, então, influências no surgimento dos *ethé*. Não podemos nos esquecer de que, para a AD, o sujeito passa por uma individuação e individua(liza)ção que dizem respeito ao processo historicizado pelo qual ele se constitui e se diferencia do indivíduo no/pelo discurso. Orlandi (2003) e Charaudeau e Maingueneau (2020) explicam que, por um lado, é na individuação que o sujeito tem a ilusão de ser a origem daquilo que enuncia, mas como é atravessado por outros dizeres, ele até pode se reconhecer no que diz, embora não domine os sentidos e os efeitos de seu discurso. Por outro lado, a individua(liza)ção, ressalta a ilusão de autonomia, ou seja, de um “indivíduo livre”, qualquer que seja a posição ocupada, quando, de fato, não é; sua identidade discursiva é constituída por uma

FI. No ciberespaço, o sujeito assume o papel de sujeito-avata⁴. Segundo Schons e Fukue (2012) essa “função-avata” é definida como uma forma discursiva que desloca a autoria e a presença do sujeito, de modo que ele se manifesta por meio de um operador digital (imagem, pseudônimo, perfil *etc.*) que regula sua visibilidade e modos de enunciação. Assim sendo, entendemos que o sujeito-avata é produzido conforme as CPs na materialidade digital, em que os algoritmos, configurados segundo as políticas das plataformas, funcionam como instâncias de interpelação, delimitando o que pode ou não ser dito.

O momento histórico pelo qual estamos passando é compreendido por Orlandi (2022) como sendo a era da pós-verdade que é um efeito discursivo, em que os sujeitos e os sentidos são transpostos por novas formas de produção de saber e informação. Para a autora, a pós-verdade não representa o fim da verdade, mas um modo específico do funcionamento discursivo, do qual o sentido de verdade é deslocado. Em vez de tratar a pós-verdade como mera manipulação de fatos, como faz o senso comum, ela considera outros fatores, tais como a fragmentação dos sujeitos e dos discursos. O que há são efeitos de verdade para os sujeitos ideologicamente atravessados, mas com pretensões de apagamentos do caráter histórico que a “verdade” precisa(ria) apresentar. A superficialidade, as aparências de “verdade” e a reprodução instantânea também deixam suas consequências para sujeitos-avatares com *ethos* de amador e de profissional. A pesquisadora (2022, p. 19, destaque da autora) questiona a eficiência de um repórter que apenas faz a descrição do “que a imagem está mostrando, como se sua fala fosse uma ‘notícia’ do que estamos vendo”.

Entendemos que além dos benefícios, como valorização informacional, letramento digital, fortalecimento da checagem de informações, questionamento do monopólio da “verdade”, que essa conjuntura acarreta, surgem desvantagens tais quais: erosão da confiança, polarização extrema, ascensão do populismo, descredibilização de instituições, distorção da realidade e discurso de ódio.

2 METAMORFOSES DO *ETHOS*

⁴ O termo sânscrito “avata”, no contexto hinduísta, para designar a manifestação de uma divindade em forma terrena, em princípio, quer dizer “descida” ou “encarnação”. Na cibercultura, geralmente, designa, de forma simbólica, a representação gráfica de um usuário em ambientes virtuais, como jogos, redes sociais e fóruns digitais. Não é apenas uma imagem estática, mas um dispositivo identitário, que o corporifica virtualmente. Silveira *et al.* (2025) ressaltam que o sujeito-avata projeta e (re)organiza aspectos de sua identidade.

A partir da década de 1990, em seus trabalhos, Maingueneau passa a ressignificar o *ethos* no campo da AD, integrando-o à sua teoria das cenas da enunciação e, portanto, à dimensão extralinguística. Assim, o *ethos* é um componente estruturante do discurso, indissociável da cenografia, o “quadro” de fala que legitima o enunciado. Maingueneau (2025) propõe, então, a coexistência do *ethos* dito, que corresponde ao que é verbalmente declarado sobre o locutor, e do *ethos* mostrado, ou seja, é percebido a partir do modo de dizer (timbre, ritmo, vocabulário *etc.*) e da corporalidade que se manifesta. Ele também sublinha a importância de considerar a representação prévia do locutor – o estereótipo social – que antecede a tomada da palavra e, por isso, introduz o *ethos* pré-discursivo.

Para o autor francês (2025), o ciberespaço possibilita a multiplicação dos *ethé*, devido às múltiplas identidades – ou à falta delas – e aos pseudônimos. Enfatiza ainda que ele é (re)construído discursivamente pelo interlocutor a partir de marcas simbólicas. Como, na virtualidade, a multimodalidade é mais acentuada, ele categoriza dois tipos de *ethos*, o “enquadrante” e o “enquadrado”. Enquanto o primeiro define a natureza de um discurso de forma mais geral, como uma “moldura interpretativa”, que foca a postura do locutor e sua relação com o interlocutor, o segundo (co)relaciona a imagem de credibilidade construída em pontos específicos da sequência discursiva (SD), associada a vozes sociais ou instâncias enunciativas pontuais. Nessa perspectiva, o *ethos* “enquadrante” permite-nos falar em seriedade de um *podcast*, ao passo que o *ethos* “enquadrado” possibilita, mesmo que momentaneamente, a manifestação de um tom irônico, indignado ou conciliador em trechos específicos desse mesmo discurso.

Maingueneau (2025) propõe ainda a existência de diferentes saliências (projeções ou nuances) do *ethos*: a) pessoal: permite, por exemplo, múltiplas personalidades ou heterônimos; b) coletivo com desdobramentos: b.1) “categorial”, b.2) “experencial” ou b.3) “ideológico”; e c) de marca: relacionado a estratégias publicitárias, sejam elas ousadas com foco no produto ou tradicionais apenas em relação à marca, ao nome do produto. Para esclarecer a saliência do *ethos* coletivo, precisamos compreender sobre os três âmbitos ou subcampos apresentados (b.1, b.2 e b.3) que ocorrem de maneira articulada a depender do gênero e do tipo do discurso. O primeiro deles é extradiscursivo e ligado à função social, por exemplo, dentista e esposa. O segundo tem uma natureza mais sociopsicológica: corajoso, empreendedor *etc.* Por fim, o “ideológico” legitima as FDs e a FI, como: feminista, conservadora e assim por diante. Grosso modo, podemos nos deparar com um ciberdiscurso que evidencie o *ethos* de um jornalista corajoso esquerdista ou de uma freira empreendedora feminista.

Percebemos, assim, que o *ethos* forma um verdadeiro arcabouço de (co)existência (desdobramentos) de vários tipos. Ressaltamos, contudo, que o interesse central da AD não é categorizar os *ethé*, mas sim ir além da taxonomia apresentada para correlacioná-los aos processos de produção de efeitos de sentidos, por meio das redes de memórias discursivas que acessam o interdiscurso. No que se refere aos discursos das redes digitais, por exemplo, a memória discursiva é acessada sempre a partir do momento em que o sujeito enuncia e sempre a partir de um já-dito, ainda que suporte e CPs sejam outros.

3 MECANISMO DAS FORMAS DO SILÊNCIO

Para Orlandi (2007), a movimentação dos sentidos ocorre graças às formas do silêncio: o fundador ou fundante e a sua política. As influências externas são o alicerce dos discursos e, por conseguinte, da AD, pois as CPs, FDs e FI estão imbricadas pelas memórias e pelo interdiscurso. Como os sujeitos interagem no mundo por meio de práticas discursivas materializadas em textos, a linguagem conecta-se à realidade exterior e ao contexto sócio-histórico. Pêcheux (1997) destaca que os sujeitos são interpelados ideologicamente e, também por essa razão, Orlandi (2007), em função do silêncio, ressalta a instabilidade dos sentidos: alguns ganham relevância, enquanto outros desaparecem, são colocados à margem, apagados ou silenciados.

Nas palavras dessa analista de discurso (2007, p. 13, destaque da autora), “o silêncio é, assim, a ‘respiração’ (o fôlego) da significação [...]. O silêncio fala por meio das palavras, e as palavras são cheias de sentidos a não dizer”. Por outro lado, ela alerta ser impossível colocar o silêncio em palavras. Em sua pesquisa, ela propõe que o silêncio produz sentidos de maneiras variadas. Se não fosse o trabalho do silêncio fundante, nada poderia ter sentido(s). Isso porque, sem fazer recortes, é ele quem faz emergir da deriva alguns dos significados. Eles não estão prontos, estáveis ou dispostos como livros ou produtos em uma estante ao nosso alcance.

Para exemplificar, pensemos nos efeitos que “navegar” tinha e passou a adquirir. Esse verbo significa(va), literalmente, conduzir uma nave ou dirigir uma embarcação. Com o tempo, incluiu a ideia de deslocamento em outros meios e, mais recentemente, pela *internet*. A depender das condições materiais e históricas, o emprego dessa palavra pode ocorrer em diversas CPs (relativas ao náutico, geográfico, político, literário, filosófico, religioso, tecnológico *etc.*). Enquanto as FDs podem estar ligadas, entre outras, às práticas de exploração, descobrimento, viagens, romantismo, existencialista, cristã,

espírita e midiática, a FI interpela os sujeitos em relação, por exemplo, a estes discursos: colonial, científico, técnico, (neo)liberal, transcendental e da (des)conectividade – do acesso ou da exclusão digital.

Orlandi (2007, p. 101) esclarece que “o silêncio [...] não é transparente. Ele é tão ambíguo quanto as palavras, pois se produz em condições específicas que constituem seu modo de significar”. Logo, não deve ser interpretado, mas compreendido, pois, é esse mecanismo que auxilia (n)a (re)significação, inclusive por meio de sua própria política. Ele estabelece uma articulação para o surgimento das ideologias, favorecendo a materialização delas nos discursos. De acordo com Althusser (1970, p. 42): “*une idéologie existe toujours dans un appareil, et sa pratique, ou ses pratiques. Cette existence est matérielle*”⁵. A partir desse viés, a teoria pecheutiana ressalta que todo discurso é ideológico. No entanto, a forma como a ideologia manifesta-se depende da atuação concomitante das formas do silêncio, em especial, com/de sua política. Quando ela emerge da deriva, outras inevitavelmente permanecem lá impossibilitadas de se materializar. Essa é a constituição de toda enunciação, por isso, Orlandi define esse movimento de trabalho do silêncio como sendo constitutivo. Assim, esta SD: “navegar na rede é essencial para estar informado”, em FDs correlatas ao midiático e tecnocientífico, o silêncio pode fazer emergir uma ideologia que interpela o sujeito-avatar, sugerindo, dentre outras, a ideia de um *ethos* conectado e produtivo, caracterizando uma FI (neo)liberalista. Porém, esse caso não caracteriza uma censura.

Salientamos, todavia, a existência daquele silêncio que é imposto coercitivamente. Estamos falando do silêncio local, da proibição dos dizeres, ou seja, dos interditos se pensarmos sob um viés foucaultiano. Esse tipo de silêncio atua localmente (no micro e no macro mundo), em situações específicas, nas quais determinados discursos são controlados, precisam ser vigiados, pois não são bem-vindos. Durante um regime político autoritário, por exemplo, sujeitos jornalistas podem ser proibidos de mencionar torturas ou de questionar o chefe de Estado. Sujeitos que denunciam facções criminosas, a depender do discurso postado em mídias/redes sociais digitais, podem sofrer cancelamento (“exílio” ou “morte” digital) ou ser brutalmente torturados e assassinados, até mesmo com omissão de corpos. Orlandi (2007) sublinha ainda a possibilidade de o

⁵ “Uma ideologia sempre existe dentro de um sistema, e de sua prática, ou práticas. Essa existência é material.” (Tradução nossa).

silêncio local ocorrer por meio do plágio, bem como estar intrínseco a formas de resistência(s).

4 TENSÃO ENTRE LIBERDADE E A LÓGICA DO CAPITAL(ISMO)

Segundo o aporte teórico da AD, os sujeitos não são livres devido aos atravessamentos ideológicos, conforme vimos ao tratar da individuação e individua(liza)ção. Contudo, com a ascensão exponencial da IA e a crescente centralidade das plataformas digitais, a cibercultura manifesta-se em uma tensão entre promessas de liberdade, conectividade e monetização. Para discutir essa dinâmica intrincada, passemos a nos dedicar às amostras trazidas para este estudo.

4.1 A Filosofia em tela, a morte do pensamento?

Durante uma *live*⁶ de lançamento do seu livro *Ideologia: uma introdução*, Marilena Chauí relatou um episódio inusitado envolvendo uma IA. Registrada em um vídeo posteriormente recortado e divulgado pela Editora Boitempo – conforme a Figura 1: a Amostra 1 – a cena compõe um dos nossos *corpora*. No momento em que o enunciador discorria sobre os mecanismos de controle e vigilância que operam sob a aparência de liberdade, utilizou a sua experiência com esse tipo de tecnologia(s) de informação e comunicação móvel sem fio (TICMS) para mostrar como ocorre a manifestação e (re)configuração da ideologia frente à tecnologia.

FIGURA 1: O panóptico virtual



Transcrição: “Eu estou obcecada pela questão do digital, né? É por um lado, pela ilusão da democratização, porque todo mundo comunica com todo mundo, esquecendo que toda a informação e todos os endereços estão concentrados em dois pontos: um nos Estados Unidos e outro no Japão, que controlam tudo no planeta. Então, nós estamos sob o controle e a vigilância sob a ilusão da liberdade. A outra coisa que me aterroriza são os *fake news* como forma, como diz o Benito Maeso, como modo de existência. O fato, portanto, de que a mentira, a falsa dissensão e o cinismo, como diria Hannah Arendt, se tornaram a forma das relações entre as pessoas. Eu ganhei do meu filho uma inteligência artificial, uma Alexa. Porque ele dizia “mãe, você anda muito desinformada. Você precisa ouvir tudo. Então, você liga e vê/ouve todas as rádios no Brasil e o mundo.” Tudo bem. Eu fiquei meio implicada com o objetinho, e ele me explicou que a gente faz perguntas e o objeto responde, a Alexa responde. Então, eu resolvi testar... Alguém interrompe e diz: “A Alexa tá respondendo para você ali atrás... é que você chamou e ela veio”. É impressionante. É o mundo da vigilância e do controle. Ai, eu falei: “Alexa, qual é o livro em que Machado de Assis usa a seguinte expressão ‘Ao vencedor, as batatas’. E ela disse: “o mercado de batatas hoje amanheceu...” É uma maravilha. E depois, eu falei vou fazer mais um teste: “Alexa, qual é a diferença entre a medicina hipocrática e a medicina galênica?” Silêncio... “Alexa, qual é a diferença entre a medicina hipocrática e a medicina galênica?” Alexa responde ao vivo: “Não sei como posso ajudar com isso.” “Alexa, qual é a diferença entre a medicina hipocrática e a medicina galênica?” “Estou programada apenas para perguntas relevantes.” É porque a minha própria experiência revela o absurdo: a não informação, a destruição da linguagem, a destruição do pensamento. Eu tô obcecada com isso. Isto é a questão que, para quem trabalha, como vocês e eu, na área do pensamento, é essencial, porque põe em questão a possibilidade de pensar, a possibilidade de imaginar, a possibilidade de falar e de agir.”

Fonte: Editora Boitempo. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DJO4ir6sWZr/?igsh=bmNrYz11NzVoNGsz>. Acesso em: 09 out. 2025.

⁶ O vídeo completo está disponível no canal da Boitempo, no *YouTube*, neste endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=zxiOpsOYQIE&t=44s>. [Ideologia: uma introdução | Com Marilena Chauí, Mauro Iasi e mediação de Lindener Pareto](#)

O sujeito, nessa amostra, demonstra preocupação com o universo digital, ressaltando a falsa sensação de democratização. Embora pareça haver livre comunicação entre todos, o controle das informações concentra-se em poucos centros de poder. A liberdade digital é apenas uma escamoteação da constante fiscalização. Isso fica mais evidente na seguinte SD: “Eu estou obcecada pela questão do digital, né? É por um lado, pela ilusão da democratização, porque todo mundo comunica com todo mundo, esquecendo que toda a informação e todos os endereços estão concentrados em dois pontos: um nos Estados Unidos e outro no Japão, que controlam tudo no planeta”. Esse discurso explicita a individualização do sujeito-avatar que interage com as TICMS.

A noção de *ethos* pré-discursivo – a representação que antecede a enunciação – contribui para a compreensão do trabalho do silêncio. Por isso, percebemos a identificação social de um sujeito filósofo marxista na amostra; uma vez que é bastante conhecido no meio acadêmico brasileiro. Logo, surge o estereótipo de professor esquerdista, pois pertenceu ao corpo docente da renomada universidade paulistana, a USP (Universidade de São Paulo), e devido ao comprometimento com a crítica social, contraposição do capitalismo e da tecnologia despreziosa. Essa representação confere à sua voz uma autoridade para falar sobre controle, vigilância, ideologia e a crise do pensamento.

A denúncia das CPs nesse ciberdiscurso revela a assimetria de poder que sustenta o ciberespaço. A individuação desse sujeito-avatar demonstra uma interpelação ideológica correlata às FDs e à FI condizentes com a multiculturalidade (Candau, 2017) e a interculturalidade crítica (Walsh *et al.*, 2018) imbuídas da força contra-hegemônica (Santos, 2011), que diverge da lógica do mercado e da vigilância algorítmica. Isso demonstra, em certa medida, que o *ethos* discursivo, tal qual proposto nos estudos de Maingueneau (2025), constitui-se, neste caso, enquanto ético-intelectual, crítico e reflexivo, posicionado contra a alienação promovida pelas TICMS. O *ethos* pré-discursivo, provavelmente, pressuposto pela empresa desenvolvedora em relação a seus interlocutores, seria a de um consumidor passivo que, devido à falta de tempo, aceitaria tudo o que a assistente virtual dissesse sem lançar contraposições. Além disso, o locutor inquieta-se com as *fake news*. Citando Maeso e Arendt, ancora-se na autoridade do saber filosófico e humanista, manifestando, nessas referências, as outras vozes que reforçam a denúncia de um mundo onde a “mentira” e o “cinismo” tornaram-se formas de existência na chamada era da pós-verdade. Podemos perceber tais sentidos na seguinte SD: “A outra coisa que me aterroriza são os *fake news* como forma, como diz o Benito Maeso, como

modo de existência. O fato, portanto, de que a mentira, a falsa dissensão e o cinismo⁷, como diria Hannah Arendt, se tornaram a forma das relações entre as pessoas”.

O *ethos* dito aparece naquilo que o locutor declara sobre si. Estas SDs: “Eu estou obcecada pela questão do digital, né?” e “Isto é a questão, para quem trabalha, como vocês e eu, na área do pensamento, é essencial” são articuladas pelo silêncio fundante – a partir do qual os sentidos nascem – de tal forma que entendemos esse sujeito como um intelectual engajado e preocupado com a temática do digital e da crise do pensamento, cujo *ethos* “enquadrado” é de perplexidade no ciberespaço. Ao mesmo tempo, fica evidente o *ethos* de mãe ao relatar ter recebido uma IA de presente e a reação do filho (neste trecho: “mãe, você anda muito desinformada”), posicionando-se, momentaneamente, como uma figura “desinformada” e, portanto, passível de ajuda tecnológica pelo filho; o que é desconstruído ao longo do discurso. De certa forma, tal posicionamento humaniza esse sujeito e, como veremos adiante, torna o relato do teste da IA mais crível e impactante.

Através do estilo e vocabulário, percebemos o academicismo crítico nestes excertos: “ilusão da democratização”, “controle e a vigilância”, “falsa dissensão”, “destruição da linguagem” e “destruição do pensamento”. Projeta-se aí, com base no modo de dizer, um *ethos* mostrado de rigor intelectual com profundidade analítica, apesar da cena ser um recorte típico dos ciberdiscurso da era da pós-verdade. A emoção também surge em expressões como “Eu estou obcecada” e “me aterroriza”, surtindo como um efeito de autenticidade e urgência na crítica. Citar filósofos para remeter às ideias de “cinismo” e “modo de existência” também ajuda a notabilizar a erudição por parte do sujeito-avatar. Esses são vestígios de que todos os sentidos abordados emergiram em função do silêncio fundante.

O contexto do ciberespaço e a postagem da Boitempo acentuam o *ethos* através da multimodalidade. A própria editora – conhecida, através do *ethos* pré-discursivo, por sua linha editorial crítica e de esquerda – funciona como uma moldura interpretativa que confere seriedade e engajamento ideológico. Nesse sentido, destacamos a saliência de marca do canal, no *YouTube*, cujo foco recai sobre o produto em si: o conhecimento científico. O título da postagem “Controle e vigilância sob a ilusão da liberdade” corrobora o *ethos* global desse *reel* como de denúncia(dor) crítica(o). No cenário da *live*,

⁷ Podemos dizer, resumidamente, que para Arendt (1989) o cinismo correlaciona-se à atitude que naturaliza a falsificação do mundo em nome da conveniência e do poder, isto é, quando a manipulação e a mentira transformam-se em práticas comuns, levando à indiferença moral.

a estante repleta de livros ao fundo (ver Figura 1) projeta um *ethos* de intelectualidade, erudição e dedicação ao saber de modo mais clássico, ou seja, por meio de livros em estantes, contrastando com o tema da cibertecnologia e com o *ethos* pré-discursivo da própria IA: eficiência técnica, sustentado pela promessa de acesso rápido à informação, e do controle algorítmico, mas desprovido do saber discursivo, da sensibilidade humana e incapacidade de um diálogo “genuíno”, conforme verificamos em: “Não sei como posso ajudar com isso”. Alexa⁸, que ouve tudo e responde dentro dos limites de sua programação, fazendo emergir um *ethos* de obediência da máquina (observável em: “Estou programada apenas para perguntas relevantes.”), replica comandos e conteúdos pré-definidos, sem historicidade ou ideologia “própria”, conforme a sua memória metálica (Orlandi, 2022). Nesse sentido, o *ethos* mostrado frio, de monitoramento e, em tese, neutro, incorpora FDs de um capitalismo global de dados: é o que Zuboff (2020) admite ser a dataficação dos sujeitos. Sua suposta neutralidade mascara a voz do poder e, de certa forma, procura silenciar o pensamento. É uma verdadeira ditadura (neo)liberalista arraigada nas TICMS. Por isso, podemos falar em silêncio local.

O *ethos* da plataforma (neste caso, o *Instagram*) – transparência e eficiência – está submisso às regras desse ciberespaço, como limitação de caracteres e tempo de reprodução dos vídeos. Para se encaixar nesse ambiente virtual, o sujeito que representa a Editora Boitempo precisa manipular o discurso de alguma maneira. Eis aí um trabalho característico do silêncio local que emerge das “escolhas” enunciativas, por exemplo. O trecho publicado omite partes da fala original, condensando-a num recorte que privilegia o *ethos* “enquadrado” engajador a partir do humor e estranhamento. A edição e o formato breve do vídeo são resquícios desse silêncio local, adaptando o discurso filosófico à lógica algorítmica e, assim, silenciando parte de sua densidade conceitual. A fragmentação é um pré-requisito das CPs na era da pós-verdade, propiciando a captação de sujeitos-avatars, gerando engajamento e monetização.

A alternância entre esses dois *ethé* – o de intelectual crítico e o de sujeito-avatar usuário a se envolver “com o objetinho” – cria algumas tensões discursivas, como as oscilações entre o saber e o não saber e o controle e a impotência. O *ethos* “enquadrado” manifesta-se na performance – o tom irônico, o riso sutil e a narrativa pessoal (neste enunciado: “ganhei do meu filho uma inteligência artificial”) –, compondo uma imagem

⁸ Lembramos que, sustentada por meio de tecnologias de IA e respondendo a comandos de voz, a Alexa é uma assistente virtual desenvolvida pela *Amazon*, lançada em 2014.

de sujeito próximo, humano, acessível, que traduz conceitos complexos por meio da experiência cotidiana. Nessa amostra, o *ethos* “enquadrado”, atenua a rigidez do *ethos* “enquadrante”, humanizando o discurso filosófico e o tornando “mediatizável”. Nesse movimento enunciativo, proporcionado pelo silêncio fundante, surge o paradoxo da era digital: o sujeito que domina o discurso sobre o saber, mas que é dominado pelo dispositivo técnico que deveria servi-lo. Nesta SD: “Aí, eu falei: “Alexa, qual é o livro em que Machado de Assis usa a seguinte expressão ‘Ao vencedor, as batatas’?””. E ela disse: “o mercado de batatas hoje amanheceu...”, notamos um jogo irônico do *ethos*: o sujeito expõe-se à falha da máquina e, nesse gesto, denuncia o absurdo da automatização do pensamento. Nessa amostra, é evidente que os vestígios do silêncio fundante são diferentes para os sujeitos-avatars: o ser humano enunciador do ciberdiscurso e a máquina produtora do discurso cibernético. Ambos estão inseridos em CPs, FDs e FI que estabelecem contraposição também devido ao trabalho do silêncio constitutivo – pois, há alternâncias ideológicas, simulando uma balança que tenta equilibrar-se; além da quebra da expectativa que a resposta provoca, a configuração discursiva do enunciado programada acaba contribuindo para o efeito de humor.

Retomando as saliências, notamos que a alternância dos *ethé* “enquadrados” sustentam a circulação desse discurso de resistência dentro de uma plataforma regida pela lógica neoliberal da visibilidade; transparecendo resquícios do silêncio constitutivo. O efeito social é diverso, mas gostaríamos de sublinhar estes: reafirmação da autoridade intelectual e manutenção da relevância da crítica filosófica no ciberespaço. Lembrando que é o discurso que funda a posição sujeito, sobre a nuance pessoal, basicamente, observamos um sujeito comprometido, extrovertido, motivador, questionador, focado, preocupado, consciente, com espírito de liderança e bem-humorado. Quanto às projeções dos *ethé* coletivos, podemos destacar a categorial, oriunda do *ethos* pré-discursivo, como as de filósofo e professor, corroborada pelos seguintes elementos discursivos: *live* de lançamento de livro, menção de autores importantes (Machado de Assis, Hipócrates, Galeno, Benito Maeso e Hannah Arendt); tudo isso reforça seu estatuto de autoridade acadêmica (*ethos* “enquadrante”). Por outro lado, a experiencial remete ao seu caráter

⁹ Baseados em Maingueneau (2010), a expressão “Ao vencedor, as batatas” é um aforismo central na filosofia do “Humanitismo”, criada pelo personagem Quincas Borba no romance homônimo da autoria de Machado de Assis. Trata-se de uma crítica irônica e pessimista ao Darwinismo social e ao egoísmo humano, e é apresentada neste trecho: “Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para [...] exterminar a outra. [...] Ao vencido, o ódio ou compaixão; **ao vencedor, as batatas**” (Assis, 1994, p. 6-7, grifo nosso).

crítico e cético, em relação à assistente virtual, e de perspicácia: a decisão de “testar” o dispositivo e a conclusão “É impressionante. É o mundo da vigilância e do controle”. Através do silêncio constitutivo, legitima-se um *ethos* ideológico de esquerda, crítico ao controle do capital e da tecnologia sobre o conhecimento.

O sujeito-avatar filosófico demonstra entender que as FDs utilitarista, técnica e informativa censuram ativamente tudo o que não está nesse alinhamento. O silêncio imposto pela IA torna-se, ironicamente, o fio condutor da crítica, por um lado, constitutivo por fazer emergir a ideologia neoliberal, e, por outro, local devido às tentativas de silenciar certos conhecimentos. Este enunciado: “Alexa, qual é a diferença entre a medicina hipocrática e a medicina galênica?” Silêncio... [...] “Não sei como posso ajudar com isso.” [...] “Estou programada apenas para perguntas relevantes” dá materialidade ao discurso. Há uma tentativa de evocar a memória (Courtine, 1981) dos saberes literário machadiano e filosófico hipocrático e galênico. Compreendemos que, em princípio, a memória discursiva não dialoga com a memória metálica (Orlandi, 2022) e que o discurso cibernético demonstra exclusão de saberes e favorece o monoculturalismo. Precisamos nos debruçar sobre tal questão, mas infelizmente, não o faremos aqui.

A amostra analisada revela o complexo engendramento dos discursos digitais: no mesmo momento em que se fundamenta a crítica à alienação tecnológica, constatamos a individua(liza)ção sob uma ótica midiaticizada e capitalizada. O sujeito-avatar, então, ocupa uma posição paradoxal – simultaneamente crítica e participante (uma vez que atua, significa e ressignifica dentro de uma FD específica) – enquanto o *ethos* da Boitempo reafirma-se como mediador entre saber e mercado cultural, no entanto, submisso ao sistema algorítmico. Assim, essa publicação expõe tensões, como o discurso crítico *versus* a lógica algorítmica e entre individua(liza)ção e silêncio, pois as formas do silêncio sustentam esses dizeres, movimentando os sentidos.

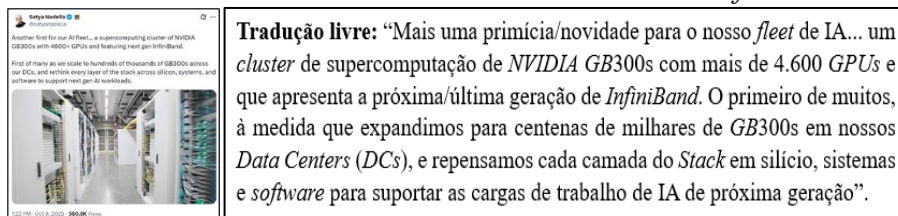
4.2 O Discurso Hegemônico Corporativo

Nossa Amostra 2 (Figura 2) é uma postagem do diretor executivo da *Microsoft* Satya Nadella feita no X^{10} , em 9 de outubro de 2025. Basicamente, seu discurso estrutura-se por um *ethos* “enquadrante” de autoridade e confiança, autenticado pelo selo azul de

¹⁰ Anteriormente *Twitter*, foi renomeado, em 2023, após a aquisição da rede social por Elon Musk.

verificação – uma chancela que remete, simbolicamente, à ideia de “sangue azul”¹¹ da nobreza –, garantindo ser a voz da empresa, líder de mercado, representada na figura do sujeito chefe executivo que possui uma conta *premium* e, portanto, digna de confiança. Ressaltamos que essa sutileza (o selo) vai na contramão do multiculturalismo e da interculturalidade crítica; ao mesmo tempo, é esse detalhe que dá aval a uma ideologia hegemônica. Essa credibilidade é complementada pelo *ethos* “enquadrado”, que se apresenta como técnico e visionário, característica típica do (neo)liberalismo. No entanto, antes mesmo dessa enunciação ocorrer, o *ethos* pré-discursivo de um sujeito no papel de *CEO* também contribui com os efeitos de sentidos, sugerindo, na amostra, a imagem de um sujeito-avatar todo-poderoso, rico, extravagante, *workaholic* (viciado em trabalho), gênio, macho *alpha*, narcisista, egresso da universidade de elite e de estilo próprio.

FIGURA 2: Anúncio¹² do *CEO* da *Microsoft*



Fonte: Disponível em: <https://x.com/satyanadella/status/1976322455288545343>. Acesso em: 10 out. 2025.

Nesse discurso, algumas saliências destacam-se: a) o *ethos* coletivo categorial diretor, experiencial visionário competente; b) o *ethos* ideológico subjacente à supremacia tecnológica capitalista; e c) o *ethos* pessoal, responsável e de liderança, que se atrela à individua(liza)ção do sujeito, encarnando a racionalidade (neo)liberal da inovação.

¹¹ Perić e Buntić (2021) resgatam que o “azul” do sangue remonta à nobreza medieval espanhola e se referia à pele extremamente clara dos membros da aristocracia sob a qual as veias azuladas apareciam com nitidez como alegada distinção de pureza genética, contrapondo-se às populações morenas ou mestiças ou a trabalhadores que se expunham ao sol.

¹² **Explicação dos termos-chave:** a) *fleet* de IA (*AI fleet*): conjunto ou frota (naves de guerra) de recursos de *hardware* e infraestrutura dedicados à IA na *Microsoft* (*Azure*), b) *cluster* de supercomputação (*supercomputing cluster*): um grupo ou aglomerado de computadores (servidores) altamente conectados que trabalham juntos como uma única unidade para resolver problemas complexos, neste caso, tarefas de IA, c) *NVIDIA GB300s*: em referência às *GPUs* (Unidades de Processamento Gráfico) de ponta da multinacional *NVIDIA*, é um supercomputador modular essencial para treinar e executar modelos de IA com alto nível de desempenho, d) *InfiniBand*: uma tecnologia de comunicação de alta largura de banda e baixa latência, crucial para conectar as milhares de *GPUs* em um *cluster* de supercomputação para que possam trabalhar juntas de forma eficiente, e) *Stack* (pilhas ou camadas): em tecnologia, refere-se às diferentes camadas de componentes que trabalham juntas, desde o *hardware* (parte física do dispositivo eletrônico) mais básico (o silício que é a matéria-prima para microprocessadores) até as aplicações de *software* (programas) de alto nível.

O *ethos* mostrado, conhecedor técnico e especialista, é percebido através do estilo e do uso de elementos técnicos, por exemplo: “*supercomputing cluster*”, “*NVIDIA GB300s*”, “*4600+ GPUs*”, “*InfiniBand*”, “*DCs*”, “silício”); embora seja um executivo, ele demonstra domínio dos detalhes de *hardware* e infraestrutura. A menção desses termos e a associação implícita com a *Microsoft* constroem um *ethos* de marca que foca na inovação ousada de alta performance, reforçando a reputação da empresa como líder no segmento de IA e computação em nuvem (armazenamento de dados via *internet*) com base na memória metálica, considerando Orlandi (2022). Nesse sentido, a “propaganda” enfatiza mais o produto do que a própria marca. Por meio do silêncio fundante, a formulação: “Mais uma primícia/novidade para a nossa frota de IA...” pode ser comparada às Grandes Navegações, pois mobiliza ideias de conquista e expansão, e a IA é (con)figurada como uma “frota” – metáfora militar colonial, que legitima a dominação simbólica do espaço digital. A imagem (Figura 2) da imensa sala de servidores (*data center*) com corredores longos de *racks* e lâmpadas de *LEDs* verdes, simbolizando atividade e tecnologia, reforça que o investimento é real. Apesar de não ser o caso, na era da pós-verdade, a existência e autenticidade dessa sala podem ser questionadas, justamente se considerarmos criações feitas por IA. Acrescentamos ainda que o trecho “Mais uma primícia/novidade” acaba demonstrando o *ethos* de quem está constantemente na vanguarda.

Para entender um pouco sobre o ciberespaço no qual circulam ciberdiscursos, como o de nossa amostra, devemos entender o *ethos* projetados nele. Conceitualmente, a reformulação da marca da rede social para *X* reflete a visão do sujeito proprietário de transformá-la em um super aplicativo, integrando comunicação, serviços bancários e comércio. O “*x*”, recorrente na trajetória empresarial desse sujeito, também carregaria o significado da incógnita matemática, simbolizando o desconhecido, o potencial ilimitado e a ousadia de um projeto ainda em evolução. O *ethos* dessa marca deixa transparecer que, inicialmente, o serviço ofertado é um dos principais canais de hostilização de FDs/FI esquerdistas, uma vez que os discursos lá vinculados são articulados, primordialmente, pelo silêncio local. Lá é permitido que se fale sobre quaisquer coisas independentemente de princípios éticos, em nome da liberdade de expressão, que se torna um ativo a ser monetizado e constitui o sujeito-avatar.

O *post*, todavia, funciona como um dispositivo de legitimação do capitalismo de dados, onde o discurso da IA é naturalizado como avanço civilizatório, e não como estratégia de acumulação de capital. O silêncio constitutivo manifesta-se na

impossibilidade de questionar o próprio regime técnico-capitalista que sustenta o discurso. A postagem silencia as condições materiais e humanas do funcionamento da IA: o trabalho precário nos *data centers* e na exploração de minérios, o consumo energético massivo, os impactos ambientais, a concentração de poder e a ideia de descartabilidade ou a obsolescência programada (com vida útil limitada para forçar o consumo). Esses silêncios são constitutivos da imagem de “pureza” tecnológica projetada.

Pautados nas ideias de Bazin (1992) e Pinto e Ferraz (2023), entendemos que a Amostra 2, indiretamente, remete-nos a fazer conjecturas sobre o mercado de ações, marcado por alta complexidade e volatilidade, o qual, de alguma forma, reflete um *ethos* pré-discursivo instável, uma vez que os investidores assumem perfis, entre outros, de analítico, ousado, arrojado, otimista, dogmático e ganancioso. No caso analisado, conforme nossas pesquisas no IVESTING.COM (2025) e NASDAQ (2025), embora o anúncio da empresa sugerisse valorização a partir da postagem no *X*, no dia seguinte, suas ações recuaram 2,19% (US\$522,40 - US\$510,96), movimento que pode ser explicado pelo ditado “comprar no boato, vender no fato” – quando o mercado antecipa notícias e realiza lucros após a confirmação oficial. Em outras palavras, a ação sobe no período de “boato” e, quando o “fato” é finalmente confirmado, os investidores que compraram cedo realizam lucros, vendendo suas ações e causando uma queda no preço. Destacamos que para saber do “boato” é preciso experiência nesse ramo e estabelecer um amplo grupo de contatos com informações privilegiadas. O mercado financeiro precisa analisar diferentes cenários – permeados por redes de (des)informação e fatores externos –, como inflação, juros, conflitos internacionais e custos operacionais. A reação negativa também pode estar associada à percepção de que o retorno financeiro do investimento em IA levaria tempo, enquanto a valorização imediata teria sido capturada pela *NVIDIA*, fornecedora do *hardware*. No período observado (8 a 27 de outubro de 2025) as ações da *Microsoft* oscilaram entre US\$524,85 e US\$531,52, com uma variação de US\$6,67, no valor de cada ação. Isso representa um aumento de 1,27% ao longo dessas duas semanas. Em contraste, a *NVIDIA*, fundamental no mercado de *chips*, demonstrou uma resiliência, oscilando entre US\$189,11 e US\$191,49 e, portanto, obteve alta de 1,26% (US\$2,38).

O *ethos* corporativo-tecnológico atua como um dispositivo pujante que naturaliza a acumulação de poder e infraestrutura – a concentração de *data centers* em poucas mãos –, impondo um silêncio local com consequências éticas, sociais e ambientais. Essa ênfase na capacidade computacional acaba tornando-se resquício do trabalho da política do silêncio, pois apaga deliberadamente o impacto real da tecnologia globalmente: a imensa

estrutura de servidores esconde o consumo energético massivo e os danos ambientais inerentes à operação, ignorando as práticas de *ESG*¹³. Além disso, o foco no avanço da IA negligencia discussões sobre o uso dessa mesma tecnologia que, aprimorada, contribuirá para a produção e proliferação de *fake news* e *deepfakes*, bem como o risco potencial de desemprego em massa. Acrescentamos ainda que o discurso de inovação silencia a essencial questão da vigilância e privacidade de dados que fluem por esses sistemas.

4.3 A Microfísica da Ideologia¹⁴ (Neo)liberalista

Nesta seção dedicamo-nos, em nossa terceira amostra (Figura 3), a entender o que estamos chamando de microfísica da ideologia (neo)liberalista. Analisamos uma captura de tela da Central de Privacidade da *Meta*, apresentando um trecho da política de privacidade. Ela destaca uma atualização futura no ciberespaço da *Meta*, que entrará em vigor em 16 dezembro de 2025, focando na interação com IAs para personalizar experiências e anúncios. A seção principal, intitulada “O que é a Política de Privacidade e o que ela aborda?”, explica o propósito do documento: comunicar ao sujeito-avatar sobre quais informações essa corporação coleta, como as usa, compartilha, retém e transfere. Além disso, o conglomerado enfatiza a importância do controle de privacidade, incentivando o internauta a gerenciar suas configurações. Também assegura que a leitura do documento é de fácil entendimento.

Nossa compreensão sobre *ethos* e silêncio na Amostra 3 revela a existência de uma estratégia discursiva meticulosamente elaborada para tentar neutralizar a desconfiança pública inerente à imagem pré-discursiva da *big tech*, fundada por Mark Elliot Zuckerberg, que pode ser percebida como uma entidade poderosa, líder, revolucionária e, potencialmente, invasiva. Para mitigar essa última reputação, a corporação parece construir um discurso no qual o *ethos* dito seria parceiro prestativo e interlocutor atencioso para com o sujeito-avatar. Ao utilizar a primeira pessoa do plural

¹³ Acrônimo que em português significa Ambiental, Social e Governança, a sigla tornou-se o padrão global para avaliar empresas quanto às práticas de sustentabilidade e responsabilidade social, impulsionadas por tecnologias digitais.

¹⁴ A expressão faz referência, por analogia à “microfísica do poder” foucaultiana, a uma concepção segundo a qual a ideologia também opera de forma difusa, capilar e cotidiana, atravessando discursos, práticas e instituições. Assim como o poder em Foucault (1982), a ideologia não se limita às grandes estruturas do Estado ou aos aparelhos ideológicos, como propunha Louis Althusser, mas manifesta-se nas relações sociais e nos gestos simbólicos que (re)produzem sentidos, naturalizando posições de sujeito e formas de dominação. Nesse sentido, a ideologia, em sua dimensão nuclear, de acordo com Orlandi (2007), camufla-se por meio das formas do silêncio para atuar na constituição dos saberes e na regulação das condutas.

(“Nós, da *Meta*”), procura humanizar sua voz e declarar o desejo de que o usuário saiba como suas informações são coletadas e controladas. Essa parceria é reforçada pelo *ethos* mostrado de entidade facilitadora e “educacional”; isso fica evidente na promessa de “linguagem simples”, “exemplos úteis” e um *layout* limpo e funcional, típico de um documento de serviço público, que projeta modernidade e transparência e, ao mesmo tempo, constitui um discurso jurídico, que não será abordado aqui.

FIGURA 3: Central de privacidade *Meta*

The screenshot shows the Meta Privacy Center interface. On the left is a navigation sidebar with the following items: 'Página inicial da Central de Privacidade', 'Pesquisar', 'Tópicos de privacidade', 'Mais recursos de privacidade', and 'Política de Privacidade' (which is expanded to show a list of topics: 'O que é a Política de Privacidade e o que ela aborda?', 'Quais informações coletamos?', 'Como usamos suas informações?', 'Como suas informações são compartilhadas nos Produtos da Meta ou com parceiros integrados?', and 'Como compartilhamos informações com terceiros?'). The main content area is titled 'Política de Privacidade' and features a 'Atualização em 16 de dezembro de 2025' notice, a heading 'O que é a Política de Privacidade e o que ela aborda?', and a 'Destaques' section. The text in the main area explains the company's commitment to transparency and user control over their data.

Fonte: Meta. Disponível em: <https://privacycenter.instagram.com/policy/>. Acesso em: 10 out. 2025.

Essa construção de um *ethos* de transparência simples e cuidado é, contudo, uma estratégia de legitimação, na qual percebemos a atuação fundamental da política do silêncio para a emergência de uma FI de liberdade de consumo com “segurança”. O silêncio fundante atua permitindo que a complexidade do jargão legal e o detalhe técnico da coleta permaneçam na deriva. Por sua vez, o silêncio constitutivo impede a materialização da FI da vigilância por meio de um panóptico digital, silenciando o fato de que a coleta massiva de dados, ou seja, a dataficação dos sujeitos, conforme Zuboff (2020), é a regra fundamental do mercado no ciberespaço. O silêncio local age como um interdito estratégico, proibindo o uso de palavras que gerem medo, como “risco” ou “vazamento”, e substituindo-as pela linguagem metonímica da “personalização”. Contudo, o silêncio fundante possibilitou esta formulação: “Como compartilhamos informações com terceiros?”. Isso demonstra que há como a empresa, legalmente, negociar informações confidenciais sobre os sujeitos-avatars com outras instituições.

Esse item da política de privacidade, devido ao nosso recorte, ficará para futuros trabalhos.

A inclusão explícita da IA (nesta SD: “Começaremos a usar interações com IAs para personalizar experiências e anúncios”) serve para integrar a nova tecnologia sob a moldura tranquilizadora do benefício para o usuário, projetando um *ethos* de inovação responsável. No entanto, o *ethos* “enquadrante” (a obrigatoriedade legal sobre a política de privacidade) e o *ethos* “enquadrado” (a voz conciliadora) estão em conjunto: o propósito real é fazer com que o usuário sinta-se no controle para que a empresa possa se resguardar legalmente e continuar suas práticas de coleta, garantindo, por meio da estabilidade da aceitação social da IA, a emergência da ideologia de um “parceiro prestativo” que, na realidade, está no comando.

Apoiados em Guilbert (2020), podemos perceber a ubiquidade da ideologia (neo)liberalista por ser midiaticizada constantemente de forma camuflada. A amostra 3 e as outras duas também evidenciam a intensificação da globalização, na qual a competição, o lucro imediato e o *laissez-faire* (deixar fazer) – isto é, a autorregulação do mercado com a mínima interferência do Estado na economia – são princípios basilares das FDs e da FI que correlacionam o conservadorismo e o capital(ismo). Em conformidade com Harari (2018), podemos constatar que o domínio da informação e dos algoritmos redefine o próprio poder na contemporaneidade. O sujeito-avatar torna-se não apenas um agente discursivo, mas também um produto do sistema (des)informacional, com perspectiva de assumir o *ethos* de alienado. O ônus de proteção da privacidade é sutilmente retirado do conglomerado e repassado a quem navegar nesse ciberespaço. Nesse sentido, o trabalho das formas do silêncio possibilita-nos considerar que navegar ganha a acepção de consumo de conteúdos digitais ou mesmo como forma de comprar produtos (físicos) via algoritmos e IAs.

5 ALCANCES E LIMITES DESTE ESTUDO

Neste trabalho, fundamentados pela AD, dedicamo-nos a compreender como os processos de produção de efeitos de sentidos, em três materialidades discursivas de circulação virtual, podem nos auxiliar na compreensão dos papéis do sujeito para o funcionamento de uma sociedade na era da pós-verdade. Ao discutir sobre o sujeito-avatar, precisamos correlacioná-lo ao ciberdiscurso, tais quais aos processos de individuação e individua(liza)ção, afinal, estamos falando de uma figuração do sujeito que é instaurado/constituído na/pela interação tecnológica. Concluímos que o trabalho

articulado das formas do silêncio está imbricado na constituição dos *ethé*, elementos essenciais para a apreensão dos sentidos outros.

Com a expansão das tecnologias digitais e, especialmente, da IA, observamos, como aponta Orlandi (2022), uma profunda reconfiguração dos modos de produção e circulação dos discursos: o saber tende a ser substituído pela informação, e o silêncio fundante, indispensável à reflexão, cede lugar ao excesso de dados e de fala contínua, à saturação. Assim, a memória metálica não é um prolongamento da memória discursiva, mas uma outra forma de funcionamento da linguagem, condicionada pela materialidade digital. Tal deslocamento (re)configura as formas do dizer e o esquecimento. Essa transformação tem implicações diretas na constituição do sujeito e na produção dos sentidos, uma vez que desloca, em certa medida, o processo de significação do campo da ideologia para o da técnica, instaurando uma lógica de repetição e transparência, em que o discurso parece esvaziar-se de historicidade (Orlandi, 2022).

Na amostra 1, se por um lado, um dos efeitos de sentidos é a metalinguagem sobre o próprio estatuto do sujeito na cibercultura – um sujeito que busca resistir discursivamente à automatização dos sentidos, por outro, o sujeito-avatar é um efeito da ideologia nesse meio digital. Nesse sentido, entendemos que os *ethé* configuram-se na tensão entre o saber e a impotência diante dos sistemas algorítmicos. O silêncio local revela o apagamento da linguagem e do pensamento. Por isso, o discurso evidencia os paradoxos da pós-verdade: a democratização esconde a vigilância, e o diálogo é substituído pela resposta automatizada. O *ethos* é construído pela coerência entre sua autoridade pré-discursiva (filósofo marxista), o rigor de seu vocabulário (*ethos* mostrado) e a função de denúncia que assume (*ethé* dito e ideológico), sendo essa imagem de intelectual crítico e cético reforçada pelo contexto (*ethos* “enquadrante” da Boitempo) e pela narrativa do teste da Alexa (*ethos* “enquadrado”). O silêncio, na Amostra 1, é fundante da crítica filosófica, constitutivo da materialização da ideologia contrária à tecnocracia e local, pois a máquina impõe o silêncio para interditar o pensamento crítico e os saberes humanísticos, em favor da lógica do controle e da informação mercadológica. Procuramos, então, tentar compreender a estabilidade e instabilidade dos papéis sociais inerentes à linguagem e aos discursos que operam na intersecção entre a soberania digital e a mercantilização da experiência humana.

O discurso hegemônico, nas Amostras 2 e 3, das *big techs* fundamenta-se no solucionismo tecnológico, apresentando-as como as únicas fontes de inovação e progresso capazes de resolver os problemas globais. Elas oferecem serviços “gratuitos”

que parecem democratizar o acesso à informação, mas essa retórica, por meio das formas do silêncio, mascara o modelo de negócios baseado na vigilância massiva (Zuboff, 2020) e na monetização algorítmica. Essa dinâmica, na era da pós-verdade, frequentemente impulsiona a desinformação e, quiçá, o discurso de ódio. Ao resistirem à regulação governamental – no caso do Brasil – sob o pretexto de defender a “liberdade de expressão” ou a “livre concorrência”, essas empresas buscam proteger seu poder de monopólio e sua capacidade de influenciar unilateralmente o debate público, a política e a própria organização social, exercendo um domínio fronteiriço sem precedentes.

Apesar dos alcances significativos, este estudo apresenta limitações inerentes ao escopo de sua análise: a investigação concentrou-se primariamente no foco da enunciação e seus efeitos de sentidos, sem o aprofundamento na recepção discursiva das amostras pelos sujeitos-avatars, o que limita a compreensão total da circulação e do engajamento gerado. Verificamos a ausência de análise do discurso jurídico, pois sua complexidade foi apenas tangenciada na Amostra 3, o que, de certa forma, impossibilitou-nos explorar as saliências do *ethos*. Enfim, ainda que alguns conceitos não se mostram devidamente exemplificados, temos a certeza de que nossas análises podem servir como um ponto de partida para futuras pesquisas que explorem a intersecção entre a filosofia da linguagem e o capitalismo de dados, especialmente, no que tange à expansão da IA e seus impactos nas relações de poder e na constituição dos sujeitos no ciberespaço. Outra possibilidade é focar o silêncio e o apagamento do *ethos*.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Idéologie et appareils idéologiques d'État: notes pour une recherche. La Pensée*, n. 151, p. 1-60, 1970. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmninnbpcjpcgglefindmkaj/https://classiques.uqam.ca/contemporains/althusser_louis/ideologie_et_AIE/ideologie_et_AIE.pdf. Acesso em: 29 out. 2025.
- ARENDDT, Hanna. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ASSIS, Machado. *Quincas Borba*. Obra completa, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000243.pdf>. Acesso em: 26 out. 2025.
- BAZIN, Décio. *Faça fortuna com ações antes que seja tarde*. São Paulo: CLA Cultural, 1992.
- BOITEMPO. *Controle e vigilância sob a ilusão da liberdade*. 1 vídeo de reel (3 min. 05). São Paulo, 09 out. 2025. Instagram: @boitempo. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DJO4ir6sWZr/?igsh=bmNrYzllNzVoNGsz>. Acesso em: 09 out. 2025.

BRAGA, José Luiz. Interatividade e recepção. In: NETO, Antonio Fausto; HOHLFELDT, Antonio; PRADO, José Luiz; PORTO, Sérgio Dayrel (org.). *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. v. 2. Porto Alegre: Edipucrs, p. 109-136, 2000.

CANDAU, Vera Maria. *Educação intercultural: entre o relativismo e o universalismo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CNPq, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu. 3. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. *Langages*, n. 62, juin. 1981.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de. Aspectos teóricos e conceituais. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Desnise Tolgo (org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloads/Serie/derad005.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2024.

GUILBERT, Thierry. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*. Tradução de Guilherme Adorno; Luciana Nogueira; Luís Fernando Bulhões Figueira; Mônica G. Zoppi Fontana. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

HARARI, Y. N. *21 lições para o século 21*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

INVESTING.COM. *Microsoft: MSFT Histórico*. 2025. Disponível em: <https://br.investing.com/equities/microsoft-corp-historical-data>. Acesso em: 27 out. 2025.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. Aforização: enunciados sem texto? In: POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de (org.). *Doze conceitos em análise do discurso*. Tradução de Ana Raquel Motta. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. O ethos discursivo e o desafio da web. Tradução de Maria Clara Gomes Mathias Cavalcanti. In: COSTA, Nelson Barros; MENDES, Maria das Dores; MATOS, José Wesley (org.). *As margens do discurso*. São Paulo: Contexto, p. 85-102, 2025.

META. *Central de privacidade*. [S. l.]: Meta, 2025. Disponível em: <https://x.com/satyanadella/status/1976322455288545343>. Acesso em: 10 out. 2025.

MINAYO, M. C. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

NADELLA, Satya. Postagem publicada no X: @satyanadella. [S. l.]: 09 out. 2025. Disponível em: <https://x.com/satyanadella/status/1976322455288545343>. Acesso em: 10 out. 2025.

NASDAQ. *NVIDIA Corporation Common Stock (NVDA) Historical Quotes*, 2025. Disponível em: <https://www.nasdaq.com/market-activity/stocks/nvda/historical>. Acesso em: 27 out. 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Editora Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. In: *Cadernos de Linguística*. Abralín. v. 2, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/310/325>. Acesso em: 20 out. 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Escritos e Sussurros. In: FRAGOSO, Élcio Aloisio; DIAS, Juciele Pereira (org.). *Língua, conhecimento e história*. Porto Velho, Edufro, p. 15-30, 2022. Disponível em: <https://edufro.unir.br/uploads/08899242/Edital%202019/Lingua%20Conhec%20e%20Hist.pdf>. Acesso em 23 out. 2025.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PERIĆ, Zdravko; BUNTIĆ, Mate. How blue blood became red. *Hum – Journal of the Faculty of Humanities and Social Sciences*. Mostar: University of Mostar, v. 16, n. 26, p. 37-63, 2021. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnbpcajpcgiclfndmkaj/https://hrcak.srce.hr/file/405549>. Acesso em: 27 out. 2025.

PINTO, Leonardo; FERRAZ, Gabriel. Perspectivas do mercado financeiro para empresas de tecnologia em 2024. *Valor Econômico*. São Paulo, 20 dez. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/>. Acesso em: 27 out. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A globalização e as ciências sociais*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SCHONS, Cristiane; FUKUE, Kátia. Noções introdutórias sobre a função-avatar e o hiperdiscurso. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n.15/3, p. 343-360, 2012. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/12990>. Acesso em: 30 out. 2025.

SILVA, Luís Fernando da. *Ecosistema de aprendizagem e fluência digital nas aulas de língua inglesa*. 107 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. Londrina, 2019. Acesso em 24 ago. 2025. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4612/1/LD_PPGEN_M_Silva_Luis_Fernando_da_2019.pdf. Acesso em 25 out. 2025.

SILVEIRA, Janaine da; GALLO, Solange Maria Leda; PEQUENO, Vitor. A Análise do Discurso materialista face à materialidade digital. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, SC, v. 25, p. 1-14, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ld/a/bQ4V_mBc8q4mw8hM4tVJf9yP/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 30 out. 2025.

VAN DIJCK, José. The culture of connectivity: a critical history of social media. *Oxford Academic*: Oxford University Press, p. 3-23, jan. 2013.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*. vol. 26, n. 83, p. 1-16, 23 jul. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3874>. Acesso em: 3 jul. 2024.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2020.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Luís Fernando da Silva e Rosemeri Passos Baltazar Machado trabalharam conjuntamente na idealização, seleção dos *corpora*, abordagem metodológica, perspectiva teórica, análise, produção escrita e revisão do artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Os autores declaram que nenhuma ferramenta de IA foi utilizada em quaisquer aspectos deste manuscrito.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados da pesquisa foram obtidos a partir de três materialidades que mostram diferentes modos de funcionamento da linguagem e circulam em ambientes digitais de acesso público irrestrito. As amostras que constituem os *corpora* estão disponíveis no próprio manuscrito com as devidas fontes citadas, bem como as datas de acesso.

DECLARAÇÃO DE DADOS DE PESQUISA

Os autores declaram que os dados da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.